



MEGAFLORESTAIS 2024

A EVOLUÇÃO DA GESTÃO FLORESTAL RUMO A 2030

NORTE DO PARÁ, BRASIL | 19 A 22 DE AGOSTO DE 2024

SINOPSE DO ENCONTRO

MEGAFlorestais



O décimo quinto encontro da MegaFlorestais foi realizado no norte do estado do Pará, Brasil, de 19 a 22 de agosto de 2024. O tema deste ano foi “A evolução da gestão florestal rumo a 2030”. A MegaFlorestais tem três objetivos principais: i) abordar as questões mais urgentes enfrentadas pelo setor florestal e incentivar o aprendizado e a inovação; ii) promover novas práticas e políticas para fortalecer a governança florestal e as agências florestais; e iii) promover relacionamentos fortes e capacitar os líderes florestais para se tornarem agentes de mudança em suas agências e em todos os ministérios. Esses objetivos foram bem cumpridos na Amazônia brasileira, considerando o progresso e os desafios de elevar o papel da conservação liderada pela comunidade, prevenir a perda de florestas e promover a restauração e o reflorestamento em todo o mundo.

O Brasil é líder nos setores florestal e de conservação e assumirá o centro das atenções na arena climática como anfitrião da Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas COP30 em 2025. Com isso em mente, o MegaFlorestais 2024 foi realizado ao longo do Tapajós, um importante afluente do Rio Amazonas. Nós nos envolvemos em discussões frutíferas sobre questões importantes na governança florestal com ênfase no papel dos Povos Indígenas, Povos Afrodescendentes e comunidades locais na liderança da conservação florestal. Ao longo da semana, os participantes refletiram sobre o papel crucial que as florestas desempenham na implementação de soluções climáticas sustentáveis.

As atividades da semana foram organizadas pelo Serviço Florestal Brasileiro, liderado pelo Diretor Garo Batmanian. A reunião começou em Alter do Chão e nos escritórios da Floresta Nacional do Tapajós, no estado do Pará, no centro-norte do Brasil. A semana incluiu duas noites viajando de barco no Rio Tapajós com paradas em Coroca e Casa do Saulo. Participaram líderes de agências florestais e consultores de recursos da Austrália, Brasil, Canadá, China, República Democrática do Congo (RDC), República do Congo, Indonésia, Nepal, Peru, Suécia e Estados Unidos.



FOTO: G. OLIVER FOTOGRAFIA

DIA 1

BOAS-VINDAS E MESA REDONDA DE LÍDERES

O encontro começou com as boas-vindas oficiais do Chefe do Serviço Florestal Brasileiro, Garo Batmanian, que compartilhou o histórico da importância da região para o manejo florestal sustentável no Brasil. Os co-presidentes da MegaFlorestais, Leslie Weldon e Herman Sundqvist, prosseguiram apresentando o propósito da MegaFlorestais e como a rede foi criada para facilitar conversas entre líderes de agências florestais. Solange Bandiaky-Badji, presidente e coordenadora da Iniciativa pelos Direitos e Recursos (RRI), falou sobre o papel da RRI, como secretária da MegaFlorestais, na defesa dos direitos à terra e aos recursos dos Povos Indígenas, Povos Afrodescendentes e comunidades locais. O ano de 2025 será uma oportunidade para refletir sobre os 20 anos de realizações da MegaFlorestais e continuar a moldar a iniciativa para abordar novos e futuros desafios florestais. Sally Collins resumiu algumas dessas realizações: o apoio à liderança de agências florestais no workshop Próxima Geração de Líderes Florestais, a realização dos workshops Repensando a Regulamentação Florestal e a organização das reuniões anuais das redes.

Mesa redonda de líderes

Começamos a reunião convidando os participantes a se apresentarem e a compartilharem três questões ou estratégias de alta prioridade que são o foco de sua liderança. Embora as respostas

dos líderes tenham sido diversas em seu contexto internacional, era evidente a comunalidade de intenções para sustentar florestas e a diversidade biológica, melhorar a implementação de políticas e apoiar comunidades dependentes de florestas.

Suécia: Magnus Virklund, Chefe da Divisão de Política e Análise da Agência Florestal Sueca

Magnus observou que o papel da silvicultura está se tornando proeminente nas palavras dos líderes políticos de seu país, pois eles expressam a importância de conservar florestas enquanto preservam a cultura de pastoreio de renas, pesca e caça do povo Sami. A Suécia está se adaptando à legislação da Política Florestal da UE e está trabalhando em questões que afetam a implementação do trabalho florestal. Há um foco maior no papel de longo prazo da silvicultura no atendimento às necessidades do país. O Serviço Florestal Sueco irá liderar a implementação do Regulamento de Desmatamento da União Europeia (EUDR). O EUDR exige que todos os produtos relacionados a florestas criados ou importados para países da UE sejam certificados como provenientes de terras não desmatadas para produzi-los. A implementação começará a sério nos próximos anos e exigirá estratégias claras de rastreamento para garantir sua implementação.

A Suécia também está implementando uma iniciativa de conservação para reumidificar as turfeiras florestadas — a reumidificação das turfeiras pode reduzir as emissões de carbono no solo e conservar extensivamente o carbono abaixo do solo. Uma das prioridades organizacionais do Serviço Florestal Sueco é enfrentar os desafios do futuro aumentando as competências e capacidades de seus funcionários, incluindo a integração de mais mulheres no setor florestal.

Indonésia: Pak Bambang Supriyanto, Diretor Geral de Silvicultura Social e Parceria Ambiental

Pak Bambang apresentou três prioridades para a gestão florestal na Indonésia: i) fortalecer a gestão florestal; ii) melhorar a energia e o transporte; e iii) revisar o processo de reforma agrária no que se refere aos Povos Indígenas.

Ele observou que, embora a Indonésia seja o 14º maior país do mundo, ela abriga o terceiro maior ecossistema florestal global, com 120 milhões de hectares, incluindo 68 milhões de hectares de áreas protegidas e 27 milhões de hectares de florestas conservadas. O uso de tecnologia no manejo florestal aumentou por meio de uma parceria colaborativa com o Fundo Monetário Internacional, resultando em mais imagens de satélite de alta resolução. Essas informações estão disponíveis ao público e estão auxiliando nos esforços do país para manter as florestas em pé. Os avanços tecnológicos melhoraram os esforços do SiPongi, o sistema da Indonésia para o manejo de florestas e incêndios terrestres.

Concessões florestais lideradas pela comunidade estão se expandindo, com a Indonésia realizando concessões que cobrem mais de 400.000 hectares. Há um reconhecimento mais forte da necessidade de comunidades nativas se envolverem na gestão florestal. O Programa de Silvicultura Social da Indonésia se concentra em identificar mecanismos de financiamento para expandir esse trabalho por meio do Bezos Earth Fund e da USAID.

República do Congo: Rosalie Matondo, Ministra da Economia Florestal

A República do Congo está em constante progresso no aumento da gestão sustentável de suas florestas com 25 milhões de hectares designados como florestas de produção. Após 20 anos de gestão de concessões florestais, o país atingiu a meta de 50 por cento de suas florestas serem certificadas.

A conservação da diversidade biológica também é uma grande prioridade para a República do Congo. Em 2024, o país protegeu 27 por cento de suas terras e tem como objetivo ter 30 por cento de áreas protegidas até 2030. A República do Congo está atualmente lutando para estabelecer áreas protegidas no litoral e está colaborando com países vizinhos. Além disso, 11 milhões de hectares estão sendo alvo de reflorestamento. Esta será a ênfase do trabalho futuro para as florestas do país, juntamente com a proteção contra o desmatamento. A extração ilegal de madeira continua sendo um problema, mas a maior parte da colheita ilegal é para fornecer energia para as famílias.

A República do Congo colaborou com a União Africana e o Fórum das Nações Unidas sobre Florestas para sediar a Primeira Conferência Internacional sobre Florestamento e Reflorestamento ([ICAR1](#)) em Brazzaville de 2 a 5 de julho de 2024. O evento reuniu especialistas globais, formuladores de políticas e representantes da indústria para discutir os desafios e oportunidades associados ao florestamento e reflorestamento. Este evento crucial destacou a necessidade urgente de novas plantações para atender à crescente demanda por madeira e à necessidade de proteger as florestas naturais existentes. Os objetivos da conferência eram estimular discussões sobre o aumento da área florestal mundial com base na cooperação internacional e na sistematização das atividades de florestamento e reflorestamento. Essas metas ajudarão a otimizar o sequestro de carbono, preservar os habitats e a biodiversidade e apoiar a produção de bens e serviços fornecidos pelas florestas.

Estados Unidos: Angela Coleman, Chefe Associada do Serviço Florestal dos Estados Unidos

O foco do Serviço Florestal dos EUA está no combate aos incêndios florestais, um dos principais eventos causados pelo clima que afeta as florestas atualmente. Está sendo implementada uma Estratégia de Crise de Incêndios Florestais que se concentra em garantir financiamento de longo prazo para 21 dos maiores locais de riscos de incêndios dos Estados Unidos, implementando tratamentos de gestão florestal em colaboração com comunidades locais para reduzir os impactos de incêndios florestais e proteger as bacias hidrográficas, o habitat e a propriedade. Agora em seu terceiro ano de implementação, os riscos foram reduzidos para 550 comunidades. O apoio financeiro tem sido forte por parte do Congresso dos EUA e do governo Biden.

O Serviço Florestal dos EUA também ampliou suas estratégias nacionais para fazer parcerias com Estados, organizações sem fins lucrativos e comunidades locais para expandir sua capacidade de abordar prioridades para gerenciar florestas públicas e privadas nos Estados Unidos. Ele estabeleceu recentemente acordos de parceria de longo prazo com agências florestais estaduais e tribais, e várias organizações não governamentais para auxiliar no trabalho de conservação em todo o país.

O Serviço Florestal dos EUA também vem fortalecendo as habilidades de sua força de trabalho exaurida e envelhecida, contratando mais pessoas para as séries ocupacionais mais necessárias para estratégias futuras. Angela comentou sobre o valor da construção de relacionamentos na MegaFlorestais, incluindo seus compromissos com Rosalie Matondo, Herman Sundqvist e Pak Bambang em eventos globais de liderança florestal no ano passado.

RDC: Ève Bazaiba Masudi, Ministra do Meio Ambiente

A Ministra Ève Bazaiba Masudi compartilhou as prioridades do país para a conservação da floresta e da diversidade biológica. A RDC compartilha a Bacia do Congo com seis países, abrangendo 260 milhões de hectares. Sessenta por cento, ou 150 milhões de hectares, fica na RDC, o que é uma grande



FOTO: G. OLIVER FOTOGRAFIA

responsabilidade. Florestas tropicais e de mangue em toda a Bacia fornecem recursos hídricos, diversidade biológica e armazenamento de carbono. O ecossistema Miombo de gramíneas, florestas tropicais e matagais também é compartilhado entre muitas nações. Eles são fontes ricas de flora e fauna, e minerais, incluindo minerais de terras raras necessários para os mercados de tecnologia de hoje. No entanto, a RDC está enfrentando extração ilegal de madeira e exploração florestal, e está abordando desafios contínuos de defesa e segurança dos recursos florestais.

Nepal: Rabindra Maharjan, Diretor Adjunto do Ministério das Florestas e do Meio Ambiente

Rabindra compartilhou que a silvicultura liderada pela comunidade é uma prioridade no Nepal. O país pratica a silvicultura comunitária há mais de 40 anos. Em 2019, dados do Inventário Florestal Nacional mostraram que mais de 45 por cento das terras do país, ou 2,4 milhões de hectares, eram cobertas pela gestão comunitária, envolvendo 3,2 milhões de famílias. Os Grupos de Usuários Florestais prepararam planos operacionais de três a cinco anos.

O Nepal vem desenvolvendo padrões para o manejo florestal sustentável e tem tido muito sucesso em aumentar a cobertura florestal por meio de programas de reflorestamento. O Nepal também está identificando maneiras de aumentar a produção em terras florestais por meio do aprimoramento de práticas florestais tradicionais. As estratégias de manejo florestal sustentável são definidas por faixas de altitude/ecológicas/sociais, incluindo áreas de alta altitude, encosta média e planícies/terras baixas. O tamanho da população e o uso da terra diferem entre as altitudes e exigem regulamentações e abordagens diferentes. Rabindra descreveu a importância dos Produtos Florestais Não Madeireiros para comunidades locais com alta demanda da Índia por plantas medicinais.

Peru: Nelly Paredes del Castillo, Diretora Adjunta Interina do Serviço Nacional de Florestas e Vida Selvagem (SERFOR)

A SERFOR administra seis zonas florestais descentralizadas em nove estados, muitos que incluem a Floresta Amazônica. Nelly descreveu os desafios para garantir suporte estável para o manejo florestal no Peru. Foram necessários muitos anos para que houvesse um forte entendimento e suporte para o manejo dos ecossistemas e recursos florestais da Amazônia. A SERFOR fez uso da tecnologia para monitorar o desmatamento. Nos últimos 20 anos, aumentou a concessão de títulos formais, direitos e licenças para propriedade e manejo florestal comunitário. Em particular, a SERFOR priorizou o envolvimento da comunidade no planejamento florestal e começou a enfatizar a importância dos Produtos Florestais Não Madeiros.

China: Liu Yuying, Diretor Geral Adjunto do Centro de Cooperação Internacional, Administração Nacional de Florestas e Pastagens

As florestas da China incluem propriedade pública e privada. O país e sua agência florestal têm trabalhado com suas províncias para estabelecer florestas públicas para iniciar a regulamentação das florestas. Grande parte da produção de madeira da China vem de plantações florestais — há uma necessidade de abordar problemas de insetos nas plantações. A China também está priorizando a melhoria do uso de florestas naturais e o aumento da diversidade biológica plantando espécies de árvores mais diversas nessas áreas. O país também está fazendo parceria com a Alemanha para melhorar seus esforços para proteger a saúde das florestas. Nos últimos anos, o país aumentou seus esforços de reflorestamento para plantar leiras que ajudam a prevenir a desertificação. A China também se concentra em florestas urbanas por meio de um programa Cidades Verdes que incentiva as cidades a protegerem e promover espaços verdes e infraestrutura natural em áreas urbanas.

A silvicultura coletiva e liderada pela comunidade tem sido bem-sucedida na China há muito tempo e tem taxas de participação muito altas em comunidades rurais. A maioria das terras florestais é legalmente de propriedade e administrada por coletivos locais. Há um novo projeto em nível federal que está se concentrando na reforma de políticas para comunidades indígenas e seu objetivo é criar um plano de cinco anos e um fórum para reunir várias entidades para desenvolver um conjunto de novas políticas.

Canada: Vincent Roy, Diretor de Pesquisa Colaborativa do Canadian Wood Fibre Centre, Serviço Florestal Canadense

Vincent compartilhou que 15 de agosto de 2024 marcou o 125º aniversário do Serviço Florestal Canadense, estabelecido em 1899. As prioridades do Serviço Florestal Canadense incluem o manejo científico das florestas, a produção de empregos sustentáveis, a luta contra as mudanças climáticas, a conservação da diversidade biológica e a reconciliação com as Primeiras Nações, os Inuits e os Métis do Canadá.

Incêndios florestais continuam sendo os maiores impulsionadores de mudanças. Em 2024, 30 por cento da cidade turística montanhosa de Jasper, Alberta, foi destruída por incêndios florestais. Comunidades indígenas são particularmente vulneráveis e têm 20 por cento mais probabilidade de serem evacuadas devido a incêndios florestais do que comunidades não indígenas.

O Canadá está coordenando com várias comunidades indígenas para fornecer treinamento e equipamentos de combate a incêndios, estabelecer um Grupo Nacional de Trabalho sobre Incêndios Florestais Indígenas e apoiar o papel histórico da Administração Indígena de Incêndios. O país tem a meta de plantar 2 bilhões de árvores nos próximos 10 anos por meio de plantio incremental e exponencial, principalmente em florestas boreais. Ele está trabalhando com comunidades indígenas para aumentar a produção de mudas de árvores em viveiros. Dentro da organização, o Serviço Florestal Canadense está sendo desafiado a aumentar sua força de trabalho e principais conjuntos de habilidades em 25 por cento.

Garo Batmanian e Márcio Halla encerraram o dia fornecendo uma visão geral da importância da região de Santarém, no Brasil, para o manejo florestal e apresentaram a viagem de campo de terça-feira.

Brasil: Garo Batmanian, Diretor do Serviço Florestal Brasileiro, Ministério do Meio Ambiente e Mudanças Climáticas

Garo apresentou uma visão geral do [contexto para o manejo florestal no Brasil](#). O Serviço Florestal Brasileiro (SFB) tem apenas 100 funcionários, mas é responsável por dar suporte à política e supervisão para o manejo florestal sustentável de concessões e esforços de restauração em terras públicas e estaduais em todo o país. Ele também dá suporte ao manejo florestal liderado por comunidades e indígenas. Ele observou que o Brasil tem a maior área de floresta tropical (cerca de um terço do país) e detém a maior concentração de biodiversidade do planeta. As florestas brasileiras respondem por 497 milhões de hectares, dos quais 98 por cento são naturais e 2 por cento são plantados. As florestas de plantação ocupam aproximadamente 10 milhões de hectares. A área florestal per capita no Brasil é de 2,4 hectares. As florestas ocupam mais de 60 por cento do país, com 80 por cento de suas florestas residindo no ecossistema amazônico e 20 por cento no resto do país.

Desde o início da década de 1990, a produção de toras do Brasil mudou de predominantemente floresta amazônica natural para floresta de plantação majoritária com apenas uma pequena fração das espécies disponíveis para colheita nas plantações. Garo identificou que uma das prioridades do SFB é aumentar a eficiência na utilização da madeira em todas as operações de colheita — 52 por cento da madeira é considerada resíduo. O SFB também vê oportunidade em trabalhar em estreita colaboração com a indústria para modernizar a tecnologia de moagem e adaptar espécies de madeira para melhor corresponder aos seus usos, incluindo produtos de madeira superespecializados demandados no mercado que podem ser gerenciados de forma mais sustentável influenciando compradores e produtores a usar diferentes espécies de árvores e qualidades de madeira em seus produtos. Colegas da Indonésia, República do Congo, RDC e Peru enfrentam problemas semelhantes com a utilização de madeira tropical e valores para produtos.

O Brasil também está priorizando o reflorestamento e a restauração florestal em áreas de bacias hidrográficas superiores e começou concessões ou contratos para fazer esse trabalho. A venda de créditos de carbono florestal está financiando o trabalho de restauração e reflorestamento e a demanda por estoque de mudas é alta.

Para obter mais informações sobre as prioridades do SFB, assista a [este vídeo](#) com o vice-diretor Marcus Vinicius Alves, gravado em setembro de 2024 para a Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO).



FOTO: G. OLIVER FOTOGRAFIA

DIA 2

EXCURSÃO À FLORESTA NACIONAL DO TAPAJÓS

Apresentação COOMFLONA

No segundo dia do encontro da MegaFlorestais, o grupo saiu de Alter do Chão para uma viagem de duas horas até a Floresta Nacional do Tapajós, onde se reuniu nos escritórios da COOMFLONA, uma cooperativa composta por Povos Indígenas e comunidades locais que têm o direito exclusivo de comercializar a madeira e os recursos naturais produzidos pela floresta.

Garo Batmanian introduziu o contexto da floresta como uma unidade de conservação administrada pela Agência de Parques Nacionais do Brasil, ICMBio, responsável pela gestão das florestas nacionais e pela realização de pesquisas. Ela conserva a área do baixo Tapajós e apoia seu desenvolvimento socioeconômico por meio do turismo liderado pela comunidade e do manejo florestal. A COOMFLONA foi fundada em 2003, quando as comunidades obtiveram autorização do Ministério do Meio Ambiente do Brasil para administrar os recursos naturais da floresta. A gestão da cooperativa é feita inteiramente pelas comunidades, após anos de conflito com o governo para manter as empresas fora da floresta e para permitir que elas tenham seus direitos legais de administrar os recursos florestais.

Hoje, além da extração de madeira, as florestas produzem vários produtos como biojoias criadas por mulheres (feitas de sementes e borracha), móveis, sementes de andiroba, óleo de copaíba, manteiga de cupuaçu e mel.

Aprendemos sobre como o governo e as comunidades trabalham juntos para desenvolver a habilidade técnica necessária para grandes operações florestais. O governo fornece regulamentação, financiamento e treinamento, enquanto as comunidades fornecem recursos, mão de obra e produtos. Exceto por algumas funções técnicas, a maior parte da mão de obra vem de membros da comunidade, que estão simultaneamente desenvolvendo habilidades em silvicultura, administração, carpintaria e outras funções relacionadas.

A COOMFLONA é agora uma referência bem conhecida para uma floresta efetivamente administrada pela comunidade que garante tanto a conservação da floresta quanto o desenvolvimento dos meios de subsistência das comunidades que vivem nela. O sucesso do projeto se deve a uma ampla rede de parceiros que fornecem treinamento técnico e financiamento. Eles variam de agências governamentais e empresas privadas a fundos estabelecidos, como o Fundo Amazônia, o Banco Mundial e várias organizações sem fins lucrativos.

Gestão de recursos e fabricação

No Brasil, os planos de manejo de áreas protegidas são criados com as comunidades e aprovados pelo ICMBio, e são as comunidades que decidem a quantidade de área que será explorada. Esses planos de manejo geralmente são planos de 35 anos para permitir o manejo de longo prazo da floresta. Cada árvore extraída é georreferenciada, e o ICMBio tem seu próprio software para rastrear cada árvore por meio de um código QR, acompanhando o ciclo de vida da madeira ao longo da cadeia de custódia, desde a produção até o consumidor. Isso garante a rastreabilidade e a certificação das origens sustentáveis da madeira. A equipe da COOMFLONA levou o grupo a um pátio de madeira onde aprendemos sobre mapeamento de madeira e procedimentos de extração, e como o ICMBio tem melhorado a produtividade do manejo de madeira, ao mesmo tempo em que garante o crescimento saudável e a manutenção de valiosas espécies de árvores.

Após o pátio de madeira, o grupo visitou uma fábrica de móveis inaugurada em 2017, que emprega 10 pessoas da cooperativa. Eles explicaram como os membros das comunidades aprenderam habilidades de carpintaria e profissionalizaram sua força de trabalho para produzir móveis de alta qualidade para os mercados nacional e internacional por meio de parcerias com designers de móveis.



FOTO: G. OLIVER FOTOGRAFIA

DIA 3

COMUNIDADE COROCA

Meios de vida Coroca e projetos de turismo sustentável

No terceiro dia, os participantes do MegaFlorestais viajaram pelo Rio Arapiuns, um afluente do Rio Tapajós, para visitar a comunidade Coroca. Os participantes passaram o dia imersos nas experiências de uma comunidade que lidera uma socio bioeconomia, definida como uma economia baseada no uso sustentável e na restauração dos ecossistemas amazônicos, bem como dos sistemas de subsistência indígenas e rurais da região. Uma socio bioeconomia também pode incluir o ecoturismo sustentável e a produção e processamento inovador de frutas, castanhas, óleos, medicamentos, peixes e outros produtos derivados da socio biodiversidade.

A comunidade de Coroca é conhecida por seus projetos de turismo sustentável, atraindo milhares de turistas que viajam para a região de Santarém, no Pará, Brasil, a cada ano. A comunidade tem um apiário, tem artesanato feito de fibra de palmeira, um restaurante que atende centenas de turistas durante a alta temporada, um projeto de criação de tartarugas e uma casa para acomodar estadias de curta duração de turistas.

Começamos o dia visitando esses projetos liderados pela comunidade de Coroca. O apiário é administrado pela comunidade, e muitas casas individuais também têm suas próprias colmeias; algumas pessoas têm de 50 a 60 colmeias. O mel produzido é medicinal e as abelhas — compostas por várias espécies, como a Jataí e a cachimbo preto e amarelo — não têm ferrão, portanto, são inofensivas aos humanos. Aprendemos sobre o ciclo de vida das abelhas e das colmeias e o conhecimento que a comunidade adquiriu por meio de treinamento técnico e seus próprios experimentos em apicultura. No lago das tartarugas, aprendemos que as espécies no lago vivem até 100 anos e podem crescer até um metro de diâmetro. O projeto das tartarugas é uma fonte de sustento para a comunidade que cobra R\$25,00 (aproximadamente US\$4,20) por pessoa para visitar e ver a alimentação das tartarugas. O turismo sustentável na região começou por volta do ano de 2010. Outros projetos cruciais liderados pela comunidade Coroca incluem a cooperativa de artes e ofícios, onde mulheres e homens criam cestas e outros itens domésticos com fibra de palmeira. Por meio desses projetos, os Coroca conseguiram mudar sua subsistência de pequenas plantações agrícolas que desmatavam a floresta para meios mais sustentáveis de subsistência que melhoram a vida diária dos membros da comunidade e mantêm as florestas de pé.

Análise das tendências globais das florestas: Reflexões sobre mercados baseados na natureza, na silvicultura comunitária e na socio bioeconomia

Em sua apresentação “Principais tendências que afetam o panorama do setor florestal global”, David Brand, Fundador e presidente executivo da New Forests, compartilhou informações convincentes sobre mudanças no papel das florestas globais. Além das mudanças previstas na demanda de madeira em direção ao Indo-Pacífico e à África, ele compartilhou como o setor florestal e as florestas estão preparados para desempenhar papéis significativos na melhoria da sustentabilidade nos setores de energia, transporte, construção, uso da terra e materiais.

David também enfatizou os desafios que enfrentamos nos mercados de carbono regulatórios e voluntários e compartilhou exemplos da Califórnia, Nova Zelândia e Austrália sobre acordos para florestamento e reflorestamento (ARR) e mercados REDD+. Ele destacou o foco crescente em suspender e reverter a perda de biodiversidade por meio de soluções “positivas para a natureza” baseadas em florestas, que agora estão recebendo atenção igual às metas da política climática global.

David compartilhou o surgimento de novos modelos de cooperação e colaboração com Povos Indígenas, Povos Afrodescendentes e comunidades locais. Há um crescente reconhecimento dos direitos tradicionais e comunitários à terra pelos governos, o que está promovendo o controle local; os investidores estão aprendendo como se envolver com proprietários de terras tradicionais por meio de consentimento livre, prévio e informado (CLPI) e modelos de parceria econômica. No entanto, ainda é necessário continuar trabalhando para compartilhar melhor as informações entre os interesses governamentais e corporativos e as comunidades, melhorar as capacidades de negociação e ampliar o direcionamento em nível comunitário. Há também uma necessidade contínua de dedicar o tempo necessário para desenvolver relacionamentos confiáveis e transparentes com os Povos Indígenas, Povos Afrodescendentes e comunidades locais.

Desafios e oportunidades nos mercados baseados na natureza

David Brand e Garo Batmanian compartilharam informações sobre o status dos mercados baseados na natureza como um caminho para apoiar e acelerar resultados de conservação e comunidades sustentáveis. Atualmente, a natureza não tem valor conforme definido pelas economias, a menos que haja um produto ou serviço que seja desejado e, portanto, crie um mercado. Por exemplo, sob o sistema atual, as terras florestais convertidas em plantações de óleo de palma geram renda ou valor, enquanto o ecossistema florestal original intacto não teria nenhum valor econômico inerente.

David e Garo propuseram que, com base nas práticas atuais de mercado aberto, aplicar um valor monetário aos serviços da natureza que fluem de ecossistemas intactos (armazenamento de carbono, produção de água, habitat, controle de enchentes) ajudaria a conservar e proteger essas funções. David forneceu vários exemplos de onde a monetização de serviços ecossistêmicos por meio de bancos de pântanos e leis de “nenhuma perda líquida” para pântanos aumentou a mitigação e as proteções contra o desenvolvimento. Esses exemplos mostram algumas das atividades nos mercados de carbono atuais, incluindo incentivos para evitar a conversão de florestas, regulamentação governamental como um fator estabilizador e o que foi aprendido com a participação voluntária. O diálogo que se seguiu com todos os participantes considerou as seguintes questões: Como a perda de florestas e habitats pode ser reduzida estabelecendo uma avaliação econômica diferente para a natureza intacta? Como essa mudança de paradigma pode proteger os sumidouros de carbono e água da Bacia do Congo, da Amazônia e das florestas tropicais da Indonésia, que são tão essenciais para mitigar as mudanças climáticas?

David compartilhou lições aprendidas com os mercados de carbono e baseados na natureza nas últimas décadas:

- Os mercados funcionam — existem boas evidências que demonstram como os mercados criam benefícios da conservação e do reflorestamento e reduzem o desmatamento. As evidências também mostram que os mercados podem encontrar soluções de baixo custo para problemas difíceis.
- A criação de mercados é uma abordagem regulatória complexa que exige design, regulamentação e gerenciamento sofisticados de partes interessadas.
- Devemos pensar cuidadosamente sobre o contexto mais amplo das políticas públicas ao definir as regras.
- Novos mercados podem levar a ganhos inesperados, distorções inesperadas de preços e outras consequências não intencionais, à medida que os empreendedores buscam encontrar oportunidades e fluxos de capital.
- A estabilidade é importante para atrair capital de longo prazo, caso contrário, os investidores descontam muito as receitas futuras ou exigem que todos os riscos sejam eliminados por meio de vendas futuras. Os mercados futuros podem ajudar a reduzir o risco.
- Capital pesado em terra e mudança de uso da terra provavelmente virão de investidores institucionais em vez de corporações. Esses investidores estão buscando oportunidades para descarbonizar seus portfólios de investimento enquanto também integram investimentos positivos para a natureza — a nova classe de ativos “Capital Natural”.
- A participação do governo nos mercados provavelmente ocorrerá por meio de mecanismos de governo para governo, em vez de ocorrer em mercados privados.

Em seguida ouvimos as reflexões de Hilton Lucas Gonçalves Durão, Assessor da CONAQ, e Crisanto Rudzö Tseremey'wá, Líder Xavante, que participaram da MegaFlorestais como representantes da coalizão RRI e de mulheres líderes da comunidade Coroca. Crisanto compartilhou experiências sinceras e convincentes como um líder Indígena do sul do Brasil. Também aprendemos muito com Hilton, que compartilhou suas perspectivas e recomendações representando os Povos Afrodescendentes do Brasil. Eles expressaram a necessidade crítica de os governos respeitarem e se envolverem com os Povos Indígenas e Afrodescendentes com justiça para garantir a participação nas decisões que afetam suas comunidades e superar os impactos devastadores do passado. Hilton também expressou suas preocupações atuais:

- Se a lei federal proteger os Povos Indígenas, os governos estaduais e entidades privadas tentarão burlar essa lei em nome do lucro.
 - Os Povos Indígenas são questionados sobre suas contribuições para o PIB do país por meio de exportações agrícolas, mas raramente são convidados para discussões de alto nível.
 - Por isso, desenvolvimento não é sinônimo de progresso para os Povos Indígenas; sem pensar nas gerações futuras, ele pode ser destrutivo e irreversível.
 - Mesmo que Povos Indígenas sejam nomeados para o mais alto nível de governo, essas decisões raramente se estendem a ações locais.
- A gestão social está inserida na gestão de recursos: se um governo se recusa a vacinar uma população indígena, isso se estende a todos os outros aspectos de sua existência e à sua capacidade de administrar suas terras e comunidades.

Em resposta a essas observações, e depois de testemunhar o sucesso das cooperativas lideradas pela comunidade no Brasil, alguns líderes da MegaFlorestais observaram que, embora seus governos ajudem na gestão de vilas rurais, eles poderiam transferir mais responsabilidades de gestão de terras para Povos Indígenas, comunidades locais e Povos Afrodescendentes.

Apresentação da AARTA e da Cooperativa Turiarte

As líderes comunitárias Luziete Correia, Associação de Artesanatos Trançados de Arapiuns (AARTA), e Rosângela Tapajós, Urucureá, descreveram as tradições de longa data de sua comunidade e os sucessos que tiveram derivando benefícios econômicos de suas tradições de cuidar da natureza e apoiar sua comunidade. Elas compartilharam seus sucessos em se unir a outras comunidades para proteger seus direitos e impedir o desenvolvimento de entidades externas, incluindo a prevenção do desenvolvimento de minas de carvão.

AARTA é uma associação de artesãs, em sua maioria mulheres, que trabalham juntas para produzir arte tecida a partir da palha da palmeira chamada tucumã piranga. Luziete, Rosângela e seus colegas demonstraram em primeira mão como a palmeira é colhida, seca e tingida em preparação para a tecelagem, e nos mostraram a loja de artesanato local. A AARTA tem tido sucesso na comercialização de seus produtos em toda a região. Este trabalho é o resultado da agrofloresta, uma técnica de manejo florestal que tem múltiplos benefícios ao mesmo tempo em que sustenta a função do ecossistema. Luziete e Rosângela expressaram seu compromisso amoroso de continuar entregando benefícios aos jovens e famílias de suas comunidades e de melhorar a qualidade de vida de todos com o objetivo de fornecer oportunidades econômicas perto de casa. Elas não vendem apenas artesanato, mas também

valores, cultura, sonhos e a possibilidade de realizações futuras para todos em sua comunidade. Este sentimento parece estar no cerne do sucesso das comunidades locais que administram suas terras.

O impacto dos Povos Indígenas, comunidades locais e Povos Afrodescendentes na aceleração da conservação florestal

Durante esta sessão, exploramos o progresso nos relacionamentos e papéis desempenhados pelas comunidades na conservação florestal e como os direitos de posse da terra, parcerias e o envolvimento de Povos Indígenas, Povos Afrodescendentes e comunidades locais contribuem e se beneficiam dos esforços para prevenir o desmatamento e melhorar a restauração florestal e o reflorestamento. A Dra. Éliane Ubalijoro, que sediou a sessão, fez comentários de abertura que enfatizaram a urgência das ações necessárias para conservar não apenas as florestas e a biodiversidade, mas também as comunidades que sempre fizeram parte do mundo natural e que viveram em relacionamentos recíprocos e harmoniosos com a natureza por milênios. Ela enfatizou a importância dos governos desenvolverem relacionamentos de coliderança com as comunidades.

Após seus comentários, cinco participantes da MegaFlorestais do Nepal, República do Congo, China, Canadá e Indonésia compartilharam informações sobre a evolução, o progresso e os desafios contínuos de seus programas de agência em relação à conservação liderada pela comunidade. Embora o contexto, as políticas e os desafios sejam diferentes entre as nações, todas viram progresso no reconhecimento da importância dos direitos de posse da terra e da conservação liderada pela comunidade. A discussão que se seguiu focou na necessidade de os países aprenderem formalmente mais sobre os programas, projetos e atividades uns dos outros, melhorar os relacionamentos e expandir os exercícios de construção de confiança que ajudariam a garantir que esses programas continuassem a crescer e beneficiar as pessoas e o planeta. Houve uma compreensão crescente da inter-relação entre ecossistemas naturais sustentáveis e a vitalidade e o sucesso das comunidades que vivem dentro e dependem desses ecossistemas.



FOTO: G. OLIVER FOTOGRAFIA

DIA 4

CASA DO SAULO

Palestrante principal: Marina Silva, Ministra do Meio Ambiente e Mudanças Climáticas do Brasil

No último dia de reunião, o grupo foi recebido na Casa do Saulo, um resort e espaço de reunião aninhado às margens do Rio Tapajós. O dia começou com Marina Silva, Ministra do Meio Ambiente e Mudanças Climáticas do Brasil, falando com os líderes da MegaFlorestais. Fomos inspirados e fortalecidos pela autenticidade com que a Ministra compartilhou palavras de seu coração. Aprendemos como suas experiências de infância na Amazônia moldaram seus valores para as pessoas e a ciência, e testemunhamos como a Ministra Silva está influenciando ativamente líderes e comunidades, tanto no Brasil quanto no mundo, para acelerar as ações de mitigação climática e preservar as comunidades. Ela expressou a necessidade de avançar em direção à conservação da “biodiversidade social” como sendo crítica para conservar a natureza e abordar as mudanças climáticas a longo prazo. Ela compartilhou as seguintes observações:

- Estamos em um novo ciclo de gestão florestal com duas questões motrizes: Como conservamos o que sobrou quando o primeiro ciclo de gestão florestal destruiu a biodiversidade? Como construímos agrossistemas que reconciliam a floresta e a prosperidade social?
- As florestas desempenham um papel central na preservação das comunidades, fornecendo recursos e meios de subsistência, e as comunidades devem estar envolvidas em sua gestão e ser compensadas por seu conhecimento e trabalho.
 - Os Povos Indígenas e as comunidades locais atuam como enfermeiros, provedores florestais e engenheiros hídricos de seus territórios.
 - A socio biodiversidade requer a fusão do conhecimento científico e tradicional.
- As florestas devem ser entendidas além do carbono: elas são repositórios de biodiversidade, lares de populações indígenas, espaços de beleza e fontes de bioeconomias sustentáveis.
- Para conservar as florestas, é preciso haver alívio simultâneo da pobreza; se as pessoas estiverem com fome, elas irão pescar e caçar para cuidar de si mesmas — temos que atender às necessidades dos pobres enquanto conservamos para o futuro.
- Sustentabilidade é uma abordagem de vida que deve ser ensinada desde a infância, não simplesmente como uma estratégia de gestão.
 - A Ministra Silva se considera doutora em conhecimento tradicional, começando pela insistência do pai para que aprendesse os nomes das árvores enquanto crescia.
 - Em 2003, seus filhos perguntaram a ela por que não havia reuniões climáticas para crianças; um mês depois, eles começaram a mobilizar crianças de 11 a 15 anos.
 - Palavras para seu eu de 16 anos: “Não somos o produto do que nossas vidas fazem conosco. Somos o que fazemos de nossas vidas. Temos que criar aquilo em que acreditamos.”
- Os países mais ricos do mundo devem canalizar fundos para a conservação das florestas do mundo, particularmente das três bacias de florestas tropicais da Amazônia, do Congo e da Indonésia.
 - Além dos trópicos, cidades estão sufocando com enchentes e ondas de calor, e geleiras/ permafrost estão afetando os níveis de água.

Após suas observações, os participantes da MegaFlorestais realizaram uma animada sessão de “reflexão e questionamento” com a Ministra. Houve um desejo de continuar compartilhando ideias sobre como os líderes e parceiros da agência florestal poderiam continuar desenvolvendo estratégias para a conservação florestal e para melhorar o trabalho feito com as comunidades locais mais afetadas pelas escolhas de conservação. Representantes Indígenas expressaram a preocupação de que há muito a superar em confiar no governo do Brasil com sua história de apoio à produção de borracha e os impactos severos que esse legado teve nas comunidades indígenas. Eles sentem fortemente a necessidade de perseverar contra o governo para ganhar e proteger seus direitos.

Transições políticas por Angela Coleman, Chefe Associada do Serviço Florestal dos EUA

Esta sessão foi uma oportunidade para os participantes da MegaFlorestais compartilharem suas experiências e práticas relacionadas a transições políticas bem-sucedidas que ocorrem em suas nações e os impactos que elas têm em programas de conservação. Angela Coleman, Chefe Associada do



FOTO: G. OLIVER FOTOGRAFIA

Serviço Florestal dos EUA, liderou uma conversa sobre os desafios e oportunidades associados a transições em administrações políticas e seus efeitos na liderança da agência, bem como mudanças nas prioridades estratégicas. Angela compartilhou uma visão geral do sistema eleitoral dos EUA, suas implicações para o Serviço Florestal dos EUA e como seu papel auxilia na preparação para transições bem-sucedidas. Com várias nações da MegaFlorestais passando recentemente por transições políticas, este tópico foi oportuno. Algumas das reflexões do grupo incluíram:

- Apesar das diferenças nos governos, todos os líderes presentes enfrentaram a necessidade de navegar por transições políticas.
- Cada agência é encarregada, em última instância, de executar o trabalho da administração no poder dentro dos limites de sua missão.
- Muitos líderes de agências fazem parte da administração atual, mas suas funções podem mudar com transições políticas, incluindo transferências para funções diferentes ou busca de trabalho fora da agência.
- Alguns líderes expressaram que o papel de sua organização é sustentar a neutralidade política, servindo a qualquer administração que esteja no lugar. Seu objetivo é abordar as prioridades da nova administração, ao mesmo tempo em que sustenta a missão e as responsabilidades principais da organização.
- Governos de longa data têm um forte sistema de freios e contrapesos constitucionais que impedem que transições na liderança executiva façam mudanças drásticas nas agências. Alguns países em desenvolvimento são frequentemente mais vulneráveis sob novas administrações, o que pode mover agências entre ministérios e, portanto, alterar completamente o escopo de seu

trabalho. No entanto, mesmo nações desenvolvidas podem enfrentar desafios semelhantes, dependendo das posições políticas e objetivos das administrações entrantes. Isso levantou preocupações sobre a instabilidade dos programas e serviços de organizações de conservação para os cidadãos e desafios às experiências de trabalho dos funcionários.

- Os líderes observaram que é importante contar com amizades internacionais entre os líderes da MegaFlorestais em tempos de transição; os relacionamentos construídos agora podem se tornar úteis quando as transições ocorrerem.

Reflexões dos participantes da MegaFlorestais

No final do último dia, os participantes foram questionados, “Ao considerar as experiências da semana, como suas perspectivas mudaram, ou que entendimento mais profundo você levará para sua equipe de liderança em casa? Que palavras de sabedoria ou conselho você compartilharia com seus colegas da MegaFlorestais?”

Liu Yuying, China

Liu levaria de volta uma apreciação renovada pela gestão científica das florestas, o valor da silvicultura comunitária independente e a significativa conscientização ambiental das comunidades. As apresentações da semana demonstraram para ela o papel das líderes femininas como atores importantes em suas comunidades e na conservação. Ela vê oportunidades para melhorar os relacionamentos entre as comunidades locais e o governo.

Rabindra Maharjan, Nepal

Rabindra reconheceu o valor de gerenciar recursos renováveis com sabedoria. Ele apreciou o papel do ICMBio e como ele promove o manejo florestal sustentável para uma série de resultados benéficos para florestas e pessoas e vê como essa abordagem poderia ser usada com mais frequência. Ele compartilhou o valor de replicar o modelo brasileiro de ecoturismo liderado pela comunidade que coloca as pessoas locais no centro com seu envolvimento ativo.

Pak Bambang Supriyanto, Indonésia

Pak Bambang compartilhou que ele aprecia a metodologia e o modelo da MegaFlorestais e quanto importante é ir até a “base” para testemunhar, e então corrigir, políticas baseadas no que a população local está vivenciando. Ele valorizou a importância de ter uma mente aberta, um coração aberto e força de vontade que nos ajude a cumprir bem nossas responsabilidades. Ele apreciou ter exemplos tão bons de modelos de silvicultura comunitária, como o da COOMFLONA e outros trabalhos liderados pela comunidade, para melhorar a biodiversidade, o turismo e gerenciar a madeira. Ele também compartilhou a importância de valorizar as florestas além de seu uso como moeda de carbono. Pak Bambang compartilhou a sabedoria de que “ninguém é perfeito. [Devemos] manter a mente aberta, o coração aberto e ouvir a sabedoria local.” Ele pediu que a rede MegaFlorestais fosse mantida viva.

Rosalie Matondo, República do Congo

Rosalie compartilhou que aprendeu muito durante a semana, especialmente que a gestão de florestas não deve ser centralizada apenas no governo, mas que as comunidades também podem se tornar o centro da proteção florestal e que os projetos comunitários atuais em seu país podem ser mais valorizados. Ela também valorizou as experiências de transferência de tecnologia e a ênfase nos esforços de desenvolvimento da comunidade local que o grupo testemunhou em Coroca. Ela apreciou o valor das formas tradicionais de cuidar da terra, produtos florestais não madeireiros e outras iniciativas lideradas pela comunidade, como apicultura e fabricação de cestos — essas são oportunidades para desenvolver e elevar. Rosalie daria as boas-vindas à MegaFlorestais na República do Congo. Ela também apreciou a oportunidade de estabelecer um relacionamento muito útil com a Indonésia e pôde perguntar sobre uma possível cooperação futura com o Canadá. Seu conselho foi que os líderes da MegaFlorestais fossem uma fonte de apoio uns aos outros no futuro.

Herman Sundqvist, Suécia

Herman compartilhou que esta reunião o lembrou de quanto as boas florestas produzem. Os desafios de gestão florestal que a Suécia está enfrentando são totalmente diferentes, com escolhas e compensações nem sempre fáceis. Ele refletiu que, embora todos gostem das florestas e da madeira que elas produzem, as pessoas às vezes não querem saber como a madeira é produzida. A urbanização não tornará a conservação mais fácil e só aumentará as demandas por recursos naturais. Como nos preparamos para esses desafios?

Nelly Paredes del Castillo, Peru

A semana demonstrou a Nelly como a gestão florestal liderada pela comunidade é uma questão comum compartilhada entre países e como a silvicultura liderada pela comunidade é uma oportunidade de trazer de volta o papel das mulheres líderes. Ela viu a importância do ecoturismo e da silvicultura comunitária como algo que ela pode trazer de volta para a SERFOR no Peru. Os comentários da Ministra Silva sobre a importância da ciência, como as florestas estão no coração do mundo e como o amor pela natureza e o amor pela terra podem ajudar as pessoas a se unirem ressoaram com ela. Nelly também expressou a necessidade de uma ética mais forte relacionada às florestas com a continuação da extração ilegal de madeira. Como os maus jogadores podem ser encontrados e como a cadeia de custódia de toras pode ser melhorada. Ela pediu que os e-mails dos participantes da MegaFlorestais fossem compartilhados para ajudar a manter a rede conectada.

Angela Coleman, Estados Unidos

Angela expressou sua gratidão e compartilhou vários aprendizados importantes da semana. Isso incluiu seu novo entendimento de que a ideia de conservação e biodiversidade é maior que os componentes biológicos e físicos de uma floresta — que devemos considerar completamente os impactos, oportunidades e benefícios para os humanos, não como um resultado periférico, mas como o centro dos esforços de conservação florestal. A sociodiversidade e a biodiversidade estão integralmente conectadas. Ela compartilhou que o MegaFlorestais é um fórum para a administração compartilhada das florestas do mundo e que todos nós estamos interconectados, somos interdependentes e nos beneficiamos das amplas perspectivas do gerenciamento florestal global.

Vincent Roy, Canadá

Vincent expressou sua opinião de que a Amazônia está em boas mãos, apesar dos pensamentos de muitos que ele encontrou. Ele compartilhou que há valor em mais histórias sobre a Amazônia e as pessoas que cuidam dela. Ele testemunhou o cuidado, a dedicação, o amor e a criatividade que todos os participantes da reunião demonstraram pela Floresta Amazônica. Ele gostou de aprender sobre os desafios. Esta viagem testou sua zona de conforto com imersão na silvicultura social e as apostas para as comunidades locais. Ele compartilhou a importância desta rede global e a compreensão dos problemas globais. Vincent também expressou a oportunidade de aprofundar o aprendizado coletivo sobre diferentes abordagens técnicas para melhorar o manejo florestal, como georreferenciamento de árvores e utilização de pequenos troncos. Ele espera ansiosamente o futuro da rede MegaFlorestais.

Garo Batmanian, Brasil

“Nós somos MegaFlorestais” era o sentimento de Garo — que, independentemente da nossa diversidade e da situação do manejo florestal em nossos países, todos nós valorizamos as florestas. Valorizamos as florestas por tudo o que elas oferecem além dos produtos florestais. As florestas em pé têm valor para as pessoas que vivem nelas, e essas pessoas devem ser respeitadas e apoiadas. Ele refletiu a sabedoria de que todos nós temos desafios compartilhados e precisamos encontrar uma maneira de enfrentar alguns deles para encontrar soluções que possam ajudar o manejo florestal a avançar. Um exemplo de tal desafio é a necessidade de desenvolver espécies florestais menos conhecidas e criar consciência de mercado sobre elas como uma forma de gerenciar florestas de forma mais sustentável e entregar produtos de madeira aos mercados. Um segundo exemplo é aprender mais e transferir conhecimento de práticas tecnológicas para outros para melhorar a eficiência no uso de produtos de madeira e reduzir o desperdício de madeira. Garo incentivou mais reuniões virtuais para compartilhamento de informações e conexões entre os participantes da MegaFlorestais. Os problemas que os gestores florestais enfrentam são complexos e tudo está inter-relacionado. Não há soluções milagrosas, mas sim respostas diferentes para problemas diferentes. Ele incentivou a começar aos poucos e adaptar gradualmente para focar na melhoria da imagem e dos múltiplos propósitos da silvicultura.

Carine Saturnine Milandou, República do Congo

Carine expressou sua apreciação pelo entendimento mais profundo que ela adquiriu sobre as maneiras pelas quais podemos gerenciar florestas de forma diferente, especialmente o papel dos Produtos Florestais Não Madeireiros. Ela compartilhou o valor de praticar o que testemunhamos, incluindo desenvolvimento florestal comunitário, ecoturismo e Produtos Florestais Não Madeireiros. A rede MegaFlorestais pode ajudar a construir entendimento e conhecimento.

Éliane Ubalijoro, CIFOR-ICRAF

Éliane compartilhou que está no segundo ano de sua função de liderança no CIFOR-ICRAF; os relacionamentos que ela construiu e as pessoas com quem ela se envolveu na comunidade MegaFlorestais foram valiosos e emocionantes. Ela apreciou o foco emergente na biodiversidade sociocultural, especialmente na relação dos humanos com as florestas, na vida e no benefício da natureza como um modo de vida. Ela levará um pouco desse aprendizado para casa e para seu trabalho.

Márcio Halla

Marcio expressou sua felicidade e apreciação por poder participar da MegaFlorestais. Ele vivenciou o propósito da rede de apoiar o diálogo aberto e um nível profundo de compartilhamento de informações. Ele ouviu muitos ecos ao longo dos quatro dias sobre quem é o dono das florestas e vê potencial em um caminho a seguir. Ele enfatizou a importância de elevar as vozes das comunidades para influenciar as decisões e políticas de manejo florestal. Ele valorizou a sabedoria e o conhecimento das comunidades que também participaram da reunião.

Andrew Miccolis, CIFOR-ICRAF

Andrew compartilhou sua gratidão por participar da MegaFlorestais. Ele valorizou poder ser testemunha dos aspectos humanos da conservação e das conexões no nível da comunidade. Ele também foi energizado por essas conexões e aprendizados entre os colegas da MegaFlorestais.

David Brand, Fundador e presidente executivo da New Forests

David compartilhou a importância de sustentar a vida das pessoas de uma forma que melhor se adapte aos seus valores e culturas. Alguns países carregam fardos injustos para administrar florestas como a Amazônia — eles são dependentes para proteger a biodiversidade do mundo, servem como seus pulmões e fontes de água doce. Isso deve ser capitalizado — investimentos devem ser feitos em capital natural.

Comentários finais

O décimo quinto encontro da MegaFlorestais cumpriu sua missão de criar uma experiência de liderança valiosa e inspiradora. Os líderes, palestrantes e consultores de recursos da MegaFlorestais se envolveram em um diálogo robusto e ponderado ao longo da semana. Agradecemos a cada participante por suas contribuições ativas ao compartilhar novas ideias e novas formas de pensar que têm o potencial de enriquecer os recursos naturais e as práticas de gestão organizacional de suas agências. Também somos gratos por termos aprendido sobre realidades, verdades duras e contribuições dos membros da coalizão RRI que representam comunidades indígenas e afrodescendentes que vivem no Brasil.

Os participantes do MegaFlorestais identificaram vários tópicos onde o aprendizado técnico e a exploração adicionais seriam importantes:

- Considerar soluções para reduzir o desperdício bruto que atualmente resulta da exploração de madeiras tropicais. Isso melhoraria o retorno sobre os investimentos e maximizaria a utilização da madeira, e possivelmente reduziria o desmatamento e as colheitas ilegais.
- Explorar a pesquisa atual e desenvolver estratégias para expandir o marketing de espécies de madeira tropical adicionais além daquelas espécies que atualmente recebem alta pressão de mercados legais e ilegais. Essas ideias podem expandir os mercados de produtos florestais, melhorar a gestão florestal sustentável e reduzir o desmatamento.
- Conceber e experimentar novos modelos de financiamento que atribuam valor econômico à “natureza intacta” como forma de garantir a conservação das florestas por seu valor

ecossistêmico e serviços que mitigam as mudanças climáticas, conservam a biodiversidade e dão melhor suporte aos Povos Indígenas, Povos Afrodescendentes e comunidades locais.

- Aprender mais sobre práticas de conservação bem-sucedidas lideradas localmente, incluindo melhores práticas de diferentes nações para programas florestais comunitários/cooperativos, estudos de caso para programas de produtos florestais especiais liderados localmente e protocolos comuns para monitoramento e avaliação de esforços de conservação liderados pela comunidade.

A riqueza internacional de sabedoria e perspectivas foi impressionante e deixou evidente a importância da colaboração internacional e do compartilhamento de experiências e lições aprendidas como vitais para acelerar o progresso na conservação de florestas e apoiar comunidades durante esta era de mudanças rápidas.

Com base no feedback dos participantes, o encontro deste ano foi uma poderosa experiência de aprendizado realizada no coração de uma região amazônica de classe mundial e globalmente importante por sua composição biofísica, por sua importância na regulação climática e e pelas conexões humanas. Os participantes sentiram que havia uma abundância de aprendizado que eles poderiam levar de volta e explorar ou aplicar à liderança dentro de suas agências. Oferecemos profunda gratidão ao Serviço Florestal Brasileiro por sediar esta experiência inestimável.





Sobre a MegaFlorestais

A MegaFlorestais — em português, “aqueles com as maiores florestas” — é uma rede de líderes de agências florestais públicas criada em 2005 pela Iniciativa pelos Direitos e Recursos (RRI), a Administração Florestal Estadual (SFA) da China e o Centro Chinês de Política Agrícola (CCAP) para discutir a reforma da posse de florestas públicas. Desde 2006, o grupo se expandiu para incluir líderes de agências florestais dos países mais florestados do mundo. Suas reuniões anuais fornecem aos membros da rede uma plataforma para compartilhar ideias, discutir desafios e aprender uns com os outros em um ambiente informal, honesto e seguro, não ditado por uma política ou pelo politicamente correto (ou impulsionado apenas por prioridades e posições ministeriais) e colocado sob a Regra da Câmara de Chatham. A RRI atua como secretaria da MegaFlorestais e trabalha em estreita colaboração com os copresidentes da MegaFlorestais envolvidos na liderança da rede e nos principais processos de tomada de decisão. Para obter mais informações, visite www.megaflorestais.org.

MEGA*florestais*

Sobre a Iniciativa pelos Direitos e Recursos

A Iniciativa pelos Direitos e Recursos é uma coalizão global de mais de 200 organizações dedicadas a promover os direitos de florestas, terras e recursos de Povos Indígenas, Povos Afrodescendentes e comunidades locais, e as mulheres dentro desses grupos. Os membros da RRI capitalizam os pontos fortes, a experiência e o alcance geográfico uns dos outros para amplificar as vozes dos povos locais e ajudar governos, instituições multilaterais e atores do setor privado a apoiar a realização de direitos. Ao promover uma compreensão estratégica das ameaças e oportunidades globais resultantes de direitos inseguros de terras e recursos, a RRI também desenvolve e promove abordagens baseadas em direitos para negócios e desenvolvimento e catalisa soluções eficazes para fortalecer os direitos das comunidades, meios de subsistência e governança de recursos sustentáveis. Para obter mais informações, visite www.rightsandresources.org.

